

A FOLHA

Nova Iguaçu, 25 de maio de 1975

OS CRISTÃOS DO IMPÉRIO ROMANO FORAM CONDENADOS POR SUPERSTIÇÕES

Cristianismo, o caminho mais sublime para libertar o homem do medo, foi usado freqüentemente como instrumento de dominação. É o que mostra o P. Eduardo Hoornaert, em seu livro sobre a Formação do Catolicismo Brasileiro, já citado aqui em artigo anterior. No caso do nosso povo, a metrópole portuguesa "fez o que era imprescindível para que o sistema de dominação fosse aceito e suportado: fomentou a religião, gastou abundantemente em construções, promoções eclesiásticas, procissões e festas. A metrópole portuguesa concordou nisso, com a sábia recomendação do Conselho das Índias, de Madrid, em 13 de novembro de 1768: "Como máxima fundamental, deve considerar-se que, em países tão distantes, os vínculos de uma religião rigorosamente observada constituem a garantia mais segura de manter este povo em submissão" (50).

E nas páginas 122 a 123: "Um capuchinho francês e bom observador, que andou por quatro meses pela Ilha do Maranhão, no ano de 1612, nos conservou depoimento precioso, feito por um índio velho e muito respeitado, verdadeira visão da colonização portuguesa a partir dos índios, em texto que passamos a apresentar: "Vi a chegada dos portugueses em Pernambuco e Rio Grande do Norte; começaram eles como vós, franceses, fazeis agora. De início, os portugueses não faziam senão comerciar, sem pretenderem fixar residência. Nessa época, dormiam livremente com as mulheres, o que nossos companheiros de Pernambuco reputavam grandemente honroso. Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem e edificar cidades para morar conosco".

"E assim parecia que desejavam que constituíssemos uma só nação. Depois começaram a dizer que não podiam tomar as mulheres sem mais aquela, que Deus somente lhes permitia possuí-las por meio do casamento, e que eles não podiam casar sem que elas fossem batizadas. Para isso eram necessá-

rios padres. Mandaram vir os padres. Estes ergueram cruzes e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem eles nem os padres podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. Assim se viram constrangidos os nossos a fornecer-lhos. Mas, não satisfeitos com os escravos capturados nas guerras, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação: e com tal crueldade e tirania a trataram que os que ficaram livres foram, como nós, forçados a deixar a região".

"Este depoimento, impressionante na sua clarividência, constitui acusação flagrante contra a religião aliada ao sistema de opressão. Hoje a mesma situação perdura em numerosos casos: a catequese se converte facilmente em instrumento de dominação. Em vez de libertar, escraviza. O processo tornou-se inconsciente: estamos habituados a unir religião e obrigação. Nas mãos dos poderosos, a ortodoxia torna-se instrumento de opressão, de sorte que — por paradoxal que pareça — a "superstição" possa ser caminho de libertação... A grande acusação contra os primeiros cristãos era a superstição: em vez de adorar o imperador, os cristãos adoraram a Cristo".

"Nossa atitude diante da religião e dos movimentos populares é estranhamente parecida à dos romanos, diante do cristianismo de pobres e escravos. Aliás, em mais de um aspecto, o Brasil vive hoje dias que se comparam com os dos tempos do império romano. No império romano, o imperador simbolizava a opressão, Cristo simbolizava a libertação. Hoje o equívoco se faz entre duas imagens de Cristo: uns "sacramentam" ao Cristo do catolicismo dos privilegiados, que defendem a ordem estabelecida; outros adoram o Cristo libertador... Não se pode rejeitar a religião dos marginalizados em nome de uma ortodoxia bastante duvidosa, pois os especialistas em estudos de religiões comparadas podem nos ensinar muita coisa sobre a relatividade das ortodoxias".

CATABIS & CATACRESES

Prato do dia: Saladinha de previsões com percentagens variadas

1. Nos fins de janeiro o Dr. Simonsen exprimiu sua esperança: queda da inflação depois de janeiro. E previu para janeiro aproximadamente 2% de taxa inflacionária ("Jornal do Brasil", 20-01-75). Deus vos ouça, doutor.

2. Mas quando foi nos começos de fevereiro o nosso companheiro Dr. Marinho ("O Globo", como não pode deixar de ser, 06-02-75) disse que o mesmo Dr. Simonsen disse que o custo de vida na Guanabara (só tinha de ser mesmo na Guanabara ou em São Paulo) subiu 2,9%. Acrescentando porém à guisa de consolo que em janeiro de 1974 o custo de nossas vidas subiu 3,6%. Logo a situação melhorou bastante e daqui para a frente os resultados serão muito bons.

3. Será que o AI-5 não pode acabar com essa concorrência desleal e contraditória dos mídias? Com a palavra o Dr. Dinarte (o Mariz do RGN, o qual é doutor no assunto em pauta ou tela).

4. Tirando o que se passa atrás dos bastidores, uma das melhores da política internacional é aquela do Dr. Ford

(não o dos autos, o outro) vendendo armas sofisticadas tanto a Israel como aos árabes, para equilibrar as forças e assim adiar o fantasma da guerra. Esse mundo de negócios tem cada uma, brasilino, que vou-te contar. Está no jornal inclusive da condessa (25-01-75).

5. Nem sei se te apercebeste, brasilino, de um acontecimento histórico da mais alta relevância, o qual embora relevante nunca até agora foi mencionado nos compêndios de História do Brasil: a descoberta, em 1925, do Brasil pela General Motors. Deu nos jornais em forma de publicidade com letras garrafais dizendo: "Faltam apenas 50 anos para o centenário da General Motors do Brasil. Aguarde". ("O Dia" e os outros, 26-01-75). Epa importância!

6. A subsidiária ou agregada Comercial Marítima entra no coro das louvações ("O Globo", 26-01-75) e canta: "Há 50 anos esta grande idéia — a GM — roda pelo Brasil". Donde Camões (Ls 8,12): "Mas deixa os feitos seus inexplicáveis / Vê que os de seus vassallos são notáveis". Falôôôu, bicho!

IMAGEM DISSONANTE EM SI

1. De si para si que é que pensa o pobre humilde zédasilva, ele mais a sua pobre humilde zefamariadaconceição e a fila condenada (BEMFAM e mais benfeitores da humanidade) dos zezinhos e zefinhas? De ti para ti que pensas, zédasilva? Eu escuto agora, com numerosas dolorosas alfinetadas de evangelho em todo o meu ser cristão, escuto agora Bach. O Bach da Missa em si menor. Sei que zé e zefa nunca poderão ouvi-la, como seria seu direito. Daí as alfinetadas dolorosas. Em si e si menor. E missa grande, maior e máxima.

2. E desta missa grande maior máxima que me alfineta e dói e bole e desinstala e despoja — porque é a comemoração do sangue de Cristo derramado por meu pecado e teu pecado — daí eu tiro motivo para rever todas as minhas dissonâncias cristãs. E daí eu tiro o que de si para si pensam zé e zefa no seu pequeno mundo intocado e puro, apesar de tudo. E escuto: «Se a gente pudesse ganhar uns mil cruzeiros por mês... se a gente pudesse comprar a roupinha dos meninos... se a gente desse o leitinho do nenem todos os dias...

3. ... se a gente pudesse viajar pro Ceará pra ver os pais da gente... se a gente pudesse dar um passeio cos meninos... se a gente pudesse ter uma casinha com um pedacinho de quintal... se a gente pudesse pagar colégio pros meninos... se a gente tivesse mais tempo pra conversar... se a gente tivesse uma roupinha melhor pra ir todo domingo pra missa... se a gente pudesse aprender qualquer coisa pra saber mais...» Pá-
ra, zédasilva; pára, zefamariadaconceição. Bach em si menor me diz: «Ah, se nós fôssemos cristãos!» (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Vocações Sacerdotais

Dia Nacional das Vocações Sacerdotais: formalidade ou não? — Equívocos na celebração — Contexto de crise — Crise benéfica — Revisão que se impõe — Nascerão vocações sacerdotais.

A FOLHA:

Qual é o sentido de um Dia Nacional das Vocações Sacerdotais? Tem sentido? Ou é uma destas datas esvaziadas que a Igreja oficial insiste em conservar, apenas para se tranquilizar?

D. ADRIANO:

Estaria mal se a Igreja — nós — conservasse fórmulas vazias para se tranquilizar. Seria uma lamentável política de avestruz. Confesso que isto aconteceu e pode acontecer ainda alguma vez. Mas um Dia Nacional das Vocações Sacerdotais tem sentido. Deveria somente ser bem celebrado. Deveria levar aos católicos que freqüentam as igrejas um incentivo a mais, no setor de sua corresponsabilidade. Aqui está o ponto.

Como todas as coisas boas, também o Dia das Vocações pode ser completamente esvaziado de sentido. O vigário celebrou o Dia das Vocações, rezando no fim do sermão três pai-nossos e três ave-marias pelas vocações. Daí não sai nada. Outro aproveitou a data para fazer uma apologia da grandeza do sacerdócio: mãos santas, boca santa, olhos santos, pés santos. Dessa mitização não sai nada.

Outro partiu para uma invectiva contra as famílias cristãs, que não cultivam mais, nos corações puros de seus filhinhos, o germe da vocação sacerdotal e religiosa. Os pais seriam os únicos culpados da falta de vocações. Daí também não sai muita coisa. Outro acusou com veemência o materialismo reinante, que mata no coração dos jovens todo impulso nobre, levando-os para os caminhos escabrosos dos vícios, das drogas, etc., etc. Daí sairá qualquer coisa?

A crise de vocações sacerdotais e religiosas em nossos dias não pode nem deve ser tirada do contexto de crise em que vive hoje em dia toda a humanidade. Seria curioso, e talvez denotasse uma Igreja estranha à problemática do homem — o que será sempre impossível, pois a Igreja existe precisamente por causa do pecado e do homem pecador —, seria sim curioso se, num mundo em crise, as vocações sacerdotais e religiosas não passassem também por uma crise.

Mas como tantas vezes tenho dito, estas crises são benéficas. Somos obrigados a refletir. Somos obrigados a parar, para nos desinstalarmos de muita coisa que parecia definitiva e não era definitiva. A propósito das vocações sacerdotais e religiosas, somos obrigados pela crise a rever posições e atitudes, métodos e crité-

rios. Nem tudo estava certo. Nem tudo era definitivo.

Se aproveitarmos a crise para uma parada clarividente e sincera, veremos talvez o seguinte: a) a angústia de descobrir e recrutar vocações sacerdotais e religiosas prejudicava a formação apostólica dos leigos, isto é: da grande multidão dos cristãos; b) a valorização desmedida do sacerdócio e da vida religiosa clerificava demasiado a Igreja, de tal modo que o povo de Deus não tinha chance de sua missão na vida e no mundo;

c) o número elevado de padres e religiosos impedia uma valorização real dos carismas de cada padre e de cada religioso; d) o número elevado de padres e de religiosos produzia uma capacidade ociosa que não podia ser aproveitada dentro das rígidas estruturas do sacerdócio e da vida religiosa; e) para muitas pessoas, o sacerdócio e a vida religiosa eram um caminho de ascensão social;

f) a rigidez de estruturas — algumas extremamente ridículas — levava muitos padres e religiosos a doloroso infantilismo de pensamento e de ação; g) a preocupação de “defender”, de “preservar” a vocação, de valorizar o padre e o religioso trouxe uma inegável defasagem na sociedade, para o religioso e o padre; h) a excessiva valorização de aspectos da vocação sacerdotal, como aparece no Antigo Testamento, anulou em muitos padres a consciência de que são membros do povo de Deus e criaturas marcadas também pelo pecado.

Num Dia Nacional de Vocações Sacerdotais, deveríamos fazer um esforço generoso para despertar nos fiéis a sua responsabilidade cristã. Daí, sim, nascerão hoje ou amanhã as vocações que a comunidade precisa para si e para a Igreja universal.

A FOLHA

Ano 3 - 25 de maio de 1975
Nº 157

Publicação Litúrgica com fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rur. Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 2º de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada, Petrópolis, RJ.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DO CULTO DOMINICAL

Santíssima Trindade é o sinônimo máximo de amor

25 de maio de 1975 — Domingo da Santíssima Trindade

Celebramos hoje o dia da Santíssima Trindade. Se examinarmos bem a liturgia de cada missa, veremos que todas estão cheias do culto à Santíssima Trindade. Alguns exemplos: Iniciamos a celebração "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". O Glória é hino de louvor ao Pai todo-poderoso, a Jesus Cristo e ao Santo Espírito. Cada oração da missa é dirigida ao Pai, por Jesus Cristo, na graça do Espírito Santo. O culto litúrgico dos cristãos, desde o início, tem como centro a Santíssima Trindade. A despedida final da Carta de São Paulo que lemos hoje é um eco da liturgia das primeiras comunidades:

"A graça de Cristo Jesus, a caridade de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com vocês". São Paulo atribui a graça ao Cristo, o amor ao Pai e a comunhão ou união fraterna ao Espírito Santo. Enumera o Pai, o Cristo e o Santo Espírito, sem dizer qual o elo entre eles. Não está falando como doutor em teologia mas como pastor que conversa sobre realidades familiares. Lembra aos fiéis o que eles já sabem: os dons da graça, do amor e da comunhão têm sua fonte em Deus e são repartidos entre as três Pessoas divinas.

Atribui o amor ao Pai, porque o amor do Pai é a origem de toda a obra de nossa salvação. Este amor se manifestou em Jesus Cristo. E é o Espírito Santo quem nos leva a adotar a atitude fraterna para com todos e filial para com o Pai. O Pai é o início do amor; o Filho é o testemunho por sua encarnação, vida e morte; o Espírito Santo é o autor de nossa salvação em seu aspecto mais interior. Esta distribuição de funções é secundária. São Paulo a utiliza porque ela assim aparece na história de nossa salvação e pela dificuldade de penetrarmos no mistério íntimo de Deus uno e trino, cuja essência é o amor.

1. CANTO DE ENTRADA

(Da missa *Celebração da Esperança*, gravação da Sono-Viso)

Estrilho:

Oi, louvai ao Senhor, nosso Deus,
Por tudo aquilo que ele nos fez.

1. Ele nos reuniu no amor de Cristo
E é sempre fiel a seu povo santo.
2. Ele nos deu o seu próprio Filho
E cumpriu sua palavra de salvação.
3. Ele está presente na nossa história
E caminha à frente do seu povo em marcha.
4. Ele nos alimenta em nossa caminhada
E faz da nossa morte vida e ressurreição.

2. SUGESTÕES PARA UMA ACOLHIDA

Alegremo-nos, irmãos, porque hoje nos reunimos, a fim de louvar o nosso Deus em seu mistério mais profundo. Sabemos que o Deus único e verdadeiro é criador de tudo o que existe. No mistério de sua vida íntima, Deus está acima

de qualquer compreensão humana, mas Jesus Cristo retirou o véu que cobria o segredo e fez-nos conhecer que Deus vivo é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Através desta revelação de Cristo, hoje adoramos e glorificamos o mistério da Santíssima Trindade. Mistério inexplicável para a inteligência, mas claro para o coração: Deus é amor. Por isso proclamamos:

T. Nós te adoramos, ó Pai celeste, / porque não estamos no mundo sobrando / mas somos criaturas vossas. / Nós vos adoramos, ó Cristo, / porque não estamos no mundo sem caminho e sem direção / mas temos o fim da viagem marcado pela vossa ressurreição / e a indicação segura do caminho / que é a vossa palavra. / Nós vos adoramos, ó Espírito Santo, / porque não estamos entregues às nossas pobres forças / mas temos a vossa presença / para inspirar e fortalecer nossa coragem.

3. SUGESTÕES PARA UM ATO DE RECONCILIAÇÃO

Deus é amor. O que transcorre dentro da vivência misteriosa de Deus é amor. O único mandamento de Deus é o amor. O único pecado de todos nós é a falta de amor, com todas as miseráveis conseqüências. A única coisa que nos separa de Deus é a falta de amor: separa-nos dos irmãos e em conseqüência separa-nos de Deus. Toda a obra de Deus: criação, redenção e santificação, é obra de amor. Todas as maldades do mundo, inclusive as maldades perto de nós e em nós, são resultado da falta de amor: desobediência e não engajamento nos planos originais de Deus a respeito do mundo. Dentro desses planos, onde é que estou me colocando?

T. Deus todo-poderoso / Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo / dai-nos levar uma vida de fidelidade à nossa consciência. / Perdoai as investidas do nosso egoísmo / e dai-nos um coração puro / um espírito vigilante e um conhecimento sem erro / para que, na força do Espírito, / possamos ser fortes no bem e na verdade.

4. CANTO PENITENCIAL

Eu canto a alegria, Senhor,
De ser perdoado no amor.
Senhor, tende piedade de nós!
Cristo, tende piedade de nós!
Senhor, tende piedade de nós!

5. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

Estrilho:

Glória ao Senhor da história!

1. Glória ao Pai que conduz o seu povo pra libertação.
2. Glória a Cristo que tira seu povo da escravidão.
3. Glória ao Deus que nutre o seu povo na vida de ação.

6. ORAÇÃO

Ó Deus, nosso Pai, / vós enviastes ao mundo a vossa Palavra feita homem como nós / e o vosso Espírito que mora conosco e nos santifica. / Revelastes aos homens o mistério inefável / da vossa vivência na Santíssima Trindade. / Nós aceitamos e adoramos o grande mistério / e queremos aprender a lição do amor / que vossa palavra agora nos vai ensinar.

7. I LEITURA

Deus manifesta a Moisés uma presença compassiva e misericordiosa, capaz de confortá-lo na árdua tarefa de conduzir o povo à terra prometida.

Do Êxodo (3,4b-6,8-9): "Naquele dia bem cedo, Moisés subiu ao monte Sinai, como o Senhor havia ordenado, levando nas mãos as duas tábuas de pedra. Então o Senhor desceu na nuvem e ficou perto dele, dizendo o seu nome Javé. Perto dele o Senhor exclamou: "Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para encolerizar-se, rico em bondade e fidelidade". Imediatamente Moisés inclinou-se até o chão e se prostrou dizendo: "Se tenho o vosso favor, Senhor, dignai-vos caminhar no meio de nós. Somos um povo de cabeça dura, mas perdoai as nossas maldades e nossos pecados e aceitai-nos como propriedade vossa". — Palavra do Senhor.

8. II LEITURA

São Paulo se despede dos cristãos de Corinto com uma fórmula em que atribui ao Pai o amor, ao Cristo a graça, ao Espírito Santo a comunhão fraterna.

Da 2ª Carta de Paulo aos Coríntios (13, 11-13): "E agora, irmãos, adeus. Busquem a perfeição. Guardem bem o que lhes digo. Estejam unidos uns com os outros e vivam em paz. Aí o Deus de amor e de paz estará com vocês. Demonstrem uns aos outros o amor de vocês com um abraço fraterno. Todo o povo de Deus envia saudações. A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês". — Palavra do Senhor.

9. CANTO DE MEDITAÇÃO

1. Caminhando e seguindo a canção,
Vivamos a verdade na unidade,
Pois um dia o Cristo falou:
"Liberdade por causa da verdade".

2. Vamos todos em busca do amor,
Do amor que será nossa alegria,
Pois um dia o Cristo falou:
"Amai-vos uns aos outros cada dia".

3. Se a justiça norteia tua ação,
Ao Reino de Deus chegarás,
Pois um dia o Cristo falou:
"Felizes os que lutam pela paz".

10. III LEITURA

Nicodemos veio a Jesus porque viu milagres. Jesus explica que milagres são apenas o começo de sua obra: a grande obra é a libertação dos homens, pela vida eterna que lhes trouxe.

Do evangelho de João (3,16-18): "Jesus falou assim a Nicodemos: "Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não morra mas tenha a vida eterna. Deus enviou o Filho ao mundo não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crer não será julgado; quem não crer já está julgado, porque não creu no nome do Filho único de Deus". — Palavra da salvação.

11. CANTO DE PROCLAMAÇÃO DA NOSSA FÉ

Estrilho:

Cremos, Senhor, que salvarás o teu povo.

1. Creio em Deus Pai, que conduz nossa gente, à procura de libertação.
2. Eu creio em Cristo, que salva nossa gente, de uma vida de escravidão.
3. Creio no Espírito, que nutre nossa gente, nos caminhos da libertação.

12. SUGESTÕES PARA AS PRECES DA COMUNIDADE

• Para que os homens conheçam o Deus vivo e verdadeiro e se afastem das deformações que produzem o medo, que afasta da prática religiosa, rezemos ao Senhor.

• Para que conservemos a fé nas mensagens que o Pai revela por Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor e Orientador dos nossos caminhos, rezemos ao Senhor.

• Para que cresça na Igreja a união fraterna pela aceitação do Espírito Santo que foi enviado a fim de nos tornar fortes no caminho do bem, rezemos ao Senhor.

• Preces espontâneas...

13. CANTO DO OFERTÓRIO

Recebe, Senhor, da fé nossa adesão,
Da esperança a certeza e do amor nossa união.

Recebe, Senhor, da história a construção,
E a nossa caminhada e a dureza da estrada.

Recebe, Senhor, os que ficam no caminho,
Os que seguem confiantes e os que marcham sozinhos.

Recebe, Senhor, todo homem, nosso irmão
Que luta ao nosso lado, sem saber que sua luta é em Cristo salvação.

14. ORAÇÃO SOBRE AS OFERTAS

Senhor nosso Deus / aceitai o sacrifício de louvor / e as ofertas que trouxemos para a manutenção de nossa comunidade. / O sacrifício de hoje nos alimenta / para termos a força interior de vivermos no meio dos nossos irmãos / o mesmo amor que reina entre as Pessoas da Santíssima Trindade.

15. CANTO DA COMUNHÃO

Estrilho:

Nós queremos, Senhor, viver no teu amor.

1. Irmãos, aqui reunidos, nós somos um povo, o povo de Deus.
2. Irmãos, aqui viemos, para celebrar a esperança e o amor.
3. Irmãos, o nosso Deus nos leva a viver a marcha da história.
4. Irmãos, o nosso Deus se faz alimento, na estrada da vida.

5. Irmãos, o nosso Deus é caminho, é chegada, é o Deus-Esperança.

16. ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Senhor nosso Deus / acabamos de proclamar solenemente / nossa fé no mistério da vossa Santíssima Trindade / e agora vamos para mais uma semana / levar uma vida em que pouco as pessoas realmente se encontram. / Que levemos do encontro de hoje / a lembrança do amor do Pai / as lições das palavras de Jesus Cristo / e a força interior da presença do Espírito Santo. / E demos ao mundo que nos cerca / um testemunho de amor e tolerância / para que os vossos filhos que ainda estão longe / encontrem em nós a motivação para se aproximar de vossa Igreja.

17. CANTO DE AÇÃO DE GRAÇAS

Estrilho:

Certeza na frente, a história na mão,
Em Cristo Jesus, nossa libertação.

1. Nosso Deus é o Deus-Esperança,
Que avança sempre à frente do seu povo,
É ele que nos leva a caminhar.
2. Ele está no meio de nós,
Ele é o Deus da verdade,
Que clama por justiça e liberdade.
3. Alimentados da mesa do Senhor,
Assim podemos caminhar de novo,
Seguindo a Deus que vai à frente do seu povo.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Sir 17,20-28; Mc 10,17-27 / Terça-feira: Sir 35,1-15; Mc 10,13-16 / Quarta-feira: Sir 36,1-2.5-6.13-19; Mc 10,32-45 / Quinta-feira: Dt 8,2-3.14b-16a; 1Cor 10,16-17; Jo 6,51-59 / Sexta-feira: Sir 44,1.9-13; Mc 11,11-26 / Sábado: Rom 12,9-16b; Lc 1,39-56.

Não tenho culpa: estava só cumprindo ordens

A revista "Time" de 31 de março trouxe na capa três clichês das três ofensivas principais na guerra sem fim do Vietnã: 1967 — a mãe em prantos, com a criancinha esfaqueada nos braços; 1972 — a mãe em prantos, com a criancinha esfaqueada nos braços; 1975 — a mãe em prantos, com a criancinha esfaqueada nos braços. Dentro, a revista conta: em face da situação de tragédia, os inimigos às portas da capital, líderes começam a arrumar as malas para tomar o avião e abandonar o país. O do Camboja já se foi e a televisão mostrou cenas do embarque: o grande homem desce da tremenda mercedes executiva e sobe no avião especial da fuga pois, nessa moral de grandes homens, o capitão é o primeiro a abandonar o navio que afunda.

E a mencionada revista traz mais uma série de fotografias sobre as conseqüências da guerra: milhares e milhares de fugitivos, gentinha pobre do campo, pés no chão ou nos chinelos, se arrancando à toa, com os trapinhos às costas. E muitas outras mães em pranto, com criancinhas nos braços, arrastadas na onda para o absurdo. Enquanto isso, na operação de retirada, bando de soldados de certa divisão, que tinha sido particularmente perversa na guerra, invade o avião, empurra animalescamente e atira em mulheres e crianças; na mira das armas, força a tripulação a levá-los para longe do perigo. Mulheres e crianças ficaram, mas os defensores da pátria se salvaram. Eis, em poucos fatos e poucos retratos, a radiografia de todas as guerras.

Num filme de guerra, existe a cena seguinte: após meses e meses ao redor de Estalingrado, no deserto de gelo e ruínas, soldados dos dois lados se encontram, conversam, solidarizam-se na miséria comum, fazem amizade e descobrem que não sabem por que estão se matando. Não sa-

bem por que estão atirando em pessoas que nunca viram na vida. Por que estão atirando? Por que a guerra? Quem é que faz as guerras? Por todas as nefastas conseqüências, a quem aproveitam as guerras? O que o povo quer é trabalhar, criar o sustento e viver em paz em seu canto. Nenhum povo é inimigo de outro povo. Sofrimento não torna ninguém feliz. Por que então acontecem as guerras?

Nos bastidores de todas as guerras, existe a luta pelo poder entre os grandes senhores. O povo mesmo está distante de tudo isso. Mas como não há guerra sem povo, criam-se símbolos que despertem e catalisem o fanatismo. E a massa vai na onda, levada sem saber, literalmente como o cordeiro ao matadouro, com a única finalidade de defender o orgulho, a vaidade ou as revalias de alguns poucos. Aí acontecem as matanças de irmãos contra irmãos, sem ninguém saber pra quê. Finda a sagrada guerra, o povo profanado até à alma, voltam todos para o seu pedacinho de chão, a fim de curtir a vergonha e a vidinha apertada do sempre. Foram matar pra quê?

As guerras são o acorde fortíssimo da sinfonia de violência que toca no mundo e dentro de cada um de nós. O mundo se debate e sofre no afã de chegar a formas menos ferozes de convivência humana. Existem os planos de Deus para um mundo melhor, que podem estar na consciência de qualquer pessoa de bom-senso. Existe o caminho explícito do evangelho, que leva os homens ao amor e à alegria. Existe a graça da inspiração divina, mostrando a estupidez da violência e as vantagens da amizade. Como ressonância ao dom das Três Pessoas, acontece a descoberta libertadora de que meu líder é minha consciência: o "eu-estava-cumprindo ordens" pode ser o pecado maior, pois significa abdicação da minha condição inalienável de animal racional.